

# O CÂNON DO NOVO TESTAMENTO

Helber Benhami<sup>1</sup>

## RESUMO

Este artigo tem por objetivo definir o conceito de cânon e relatar a trajetória de como o Novo Testamento foi formado para o uso da igreja atual. Aponta os principais líderes cristãos ou pais da igreja que contribuíram e influenciaram na aceitação de cada livro do Novo Testamento nos quatro primeiros séculos. Apresenta a lista de livros aceitos ou rejeitados por cada liderança cristã, desde Marcion até Atanásio de Alexandria, com o objetivo de comparar e mostrar a progressão e desenvolvimento do Novo Testamento. Não omite os livros que hoje são chamados de apócrifos para simplesmente mostrar que estes concorreram para entrar no cânon e fizeram parte da história da igreja. Apresenta a divisão feita por Orígenes para classificar os livros reconhecidos e os discutidos. Descreve os livros que foram facilmente aceitos pela igreja e comenta as dificuldades de Hebreus, Tiago, 2ª Pedro, 2ª e 3ª João, e Apocalipse de João para serem aceitos no cânon, colocando também os seus pontos favoráveis que os levaram a serem considerados como Escritura.

**Palavras chave:** Cânon, Evangelho, Novo Testamento.

## ABSTRACT

The objective of this article is to define the concept of canon and to report the trajectory of how the New Testament was formed for the use of the current church. It points out the leading Christian leaders or church fathers who have contributed and influenced the acceptance of each book of the New Testament in the first four centuries. It presents the list of books accepted or rejected by each Christian leadership, from Marcion to Athanasius of Alexandria, in order to compare and show the progression and development of the New Testament. The books called Apocrypha were not omitted to simply to show that they have competed to enter the canon and have been part of the church's history. Presents the division made by Origen to classify the books recognized and discussed. Describes the books that were easily accepted by the church and discusses the difficulties of Hebrews, James, 2 Peter, 2<sup>nd</sup> and 3<sup>rd</sup> John, and Revelation of John to be accepted in the canon, also placing their favorable points which led them to be considered as Scripture.

**Keywords:** Canon, Gospels, New Testament.

## **INTRODUÇÃO**

O termo grego cânon significa “vara de medição”, “regra fixa” ou “padrão”. A igreja se apropriou deste termo para classificar os livros que são divinamente inspirados e aceitos pelas comunidades cristãs. No início da igreja, não havia um Novo Testamento pronto com 27 livros que os cristãos conhecem hoje. A princípio, eles tinham em mãos somente as Escrituras do Antigo Testamento e os feitos de Jesus que eram transmitidos oralmente. Os livros do Novo Testamento foram todos escritos até o final do primeiro século, mas somente no período pós-apostólico que esses escritos foram reunidos e canonicizados para formar o Novo Testamento.

### **A história do Cânon do Novo Testamento - A contribuição de Marcion**

Marcion foi o primeiro a propor um “cânon” do Novo Testamento. Em 138 d.C. foi para Roma onde desenvolveu e apresentou os seus estudos. Ele considerava Paulo como o único interprete e transmissor correto dos ensinamentos de Jesus. Defensor severo da justificação pela graça divina, colocando de lado qualquer observância da lei. Por isso, ele desprezava o Antigo Testamento ao ponto de afirmar que o Deus do Antigo Testamento era diferente do Deus apresentado no Novo Testamento. Seu cânon consistia de uma versão do livro de Lucas com algumas omissões, e mais dez epístolas paulinas da seguinte forma: Gálatas, 1 e 2 Coríntios, Romanos, 1 e 2 Tessalonicenses, Efésios (chamado Laodicenses), Colossenses, Filipenses e Filemon.

Os líderes da igreja de Roma não aceitaram os ensinamentos de Marcion, considerando-o um herege. Assim, ele se desligou da igreja católica e fundou a sua própria igreja. Mas, apesar de toda essa rejeição à Marcion, seu trabalho trouxe uma importante contribuição para iniciar um cânon para o Novo Testamento. A igreja católica, em resposta às heresias de Marcion, começou a observar com atenção os escritos apostólicos, e pouco tempo depois, aproximadamente em 170 d. C., elaborou uma lista de livros que veio a ser chamado de Cânon Muratoriano.

### **O Cânon Muratoriano**

O Cânon Muratoriano não recebeu este nome logo na sua concepção. Na verdade, foi herdado pelo teólogo e historiador italiano Lodovico Antonio Muratori em 1740, quando este publicou uma lista dos livros do Novo Testamento em latim. Tudo começou quando Muratori encontrou um fragmento de códice do século VII ou VIII no mosteiro de Bobbio, na Lombardia. Posterior-

mente, este material foi levado para a Biblioteca Ambrosiana de Milão onde está guardado até hoje.

Este fragmento, na verdade, é uma cópia de outro documento anterior ao ano 170 d.C., provavelmente produzido por um contemporâneo de Pio (10º papa da Igreja Católica). No conteúdo deste manuscrito, encontra-se uma lista de livros do Novo Testamento reconhecida pela igreja católica da época. Mas, as primeiras linhas desta obra desapareceram, e o texto<sup>1</sup> inicia citando Lucas como o terceiro livro do evangelho.

Muitos estudiosos especulam que os dois primeiros livros possam ser Mateus e Marcos. Entretanto, o Cânon Muratoriano lista de forma clara e precisa os seguintes livros: Evangelho de Lucas, Evangelho de João, Atos dos Apóstolos, Coríntios, Gálatas, Romanos, Efésios, Filipenses, Colossenses, Tessalonicenses, Filemon, Tito, 1ª e 2ª Timóteo, Judas, Apocalipse de João e Apocalipse de Pedro. O documento ainda menciona a aceitação do livro Sabedoria de Salomão, considerado como deuteroacanônico para os católicos e apócrifo para os protestantes. As cartas aos Laodicenses e Alexandrinos são rejeitadas pois foram “forjadas de acordo com as heresias de Marcion” (BRUCE, 2011, p.145). Tiago, Hebreus, 1ª e 2ª Pedro foram omitidas ou não são claramente identificadas. Algumas expressões da 1ª epístola de João (1:1-3) são citadas no comentário sobre o Evangelho de João no fragmento Muratoriano, e alguns estudiosos sugerem que há também indícios da 2ª e 3ª epístolas do apóstolo.

### **Irineu, bispo de Lyon**

O Cânon Muratoriano foi um importante subsídio para o trabalho de Irineu. Nascido em 130 d.C. na província da Ásia menor, recebeu ainda jovem influências de Policarpo, bispo de Esmirna, que fora discípulo do apóstolo João e também o elo de ligação entre João e Irineu.

Dentre as obras literárias que Irineu produzira a mais importante é a coleção *Contra as Heresias* composta por cinco livros. Nos seus escritos é claramente visível a existência dos quatro evangelhos: Mateus, Marcos, Lucas e João. Irineu faz uso do livro *Atos dos apóstolos* para combater os ebionitas. Quanto às cartas de Paulo, todas eram aceitas por Irineu, exceto Filemon que não aparece em nenhuma de suas obras. Ele reconhecia a 1ª epístola de Pedro como obra do próprio apóstolo e realiza citações de 1ª e 2ª João em seus escritos. Irineu chega a considerar o *Pastor de Hermas* como escritura e também utilizava o *Apocalipse de João* nos seus conceitos escatológicos.

Quanto a Hebreus, Tiago, 2ª Pedro, 3ª João e Judas parecem não haver nenhuma menção. Desta forma, observa-se por enquanto um cânon de 22 livros para o Novo Testamento.

### **Tertuliano de Cartago**

Tertuliano foi o principal apologista da Igreja Ocidental e suas obras literárias em latim surgiram no período de 196 a 212 d.C. Foi em seus escritos que surgiu pela primeira vez a expressão “Novo Testamento”.

Não existe uma lista formal e direta dos livros que compunham o Novo Testamento de Tertuliano, mas em seus escritos há referências que se aproxima muito da lista de Irineu. Tertuliano incluiu a epístola de Judas e rejeitou o Pastor de Hermas, pois em 206 d.C. ele se tornou montanista e considerava “o Pastor” de fraco ensino moral. Sobre Hebreus ele acreditava que era obra de Barnabé e que poderia ser considerado como uma escritura apostólica, porém “ele não tinha autoridade para adicioná-lo à lista” (BRUCE, 2011, p. 164). Quanto às cartas de Tiago, 2ª Pedro, 2ª e 3ª João, Tertuliano não faz nenhuma referência.

### **Orígenes**

Orígenes (185 a 254 d.C.) foi um teólogo e filósofo de grande erudição. Em 203 d. C. dirigiu a escola catequética de Alexandria e foi autor de seis mil pergaminhos. Ele dividiu os livros do Novo Testamento em dois grupos. O primeiro chamado de *homologoumena*, e o segundo de *antilegoumena*, que respectivamente, no grego significam “reconhecidos” e “discutidos”. Os escritos “reconhecidos” eram aqueles que foram aceitos de forma ampla e imediata pela igreja, composto pelos quatro Evangelhos, Atos dos Apóstolos, as quatorze Epístolas de Paulo (se Hebreus for considerado), 1ª Pedro, 1ª João e o Apocalipse de João. Por outro lado, os “discutidos” que sofreram alguma resistência e não foram aceitos logo de início pela igreja, por causa da brevidade das cartas, pela circulação limitada ou às vezes pela autoria incerta. Incluíam-se nesta categoria a epístola de Tiago, 2ª Pedro, 2ª e 3ª João, Judas, Epístola de Barnabé e Pastor de Hermas.

Assim, o Novo Testamento de Orígenes era formado pela junção dos livros “reconhecidos” e “discutidos”, totalizando em 29 livros. Dois a mais (Epístola de Barnabé e Pastor de Hermas) comparando com o atual Novo Testamento. Apesar desta diferença, a lista de Orígenes é exatamente igual à lista do mais antigo manuscrito bíblico existente, o Códice Sinaítico, escrito no século

IV, exposta atualmente na Biblioteca Britânica.

### **Eusébio de Cesaréia**

Aproximadamente 75 anos após a morte de Orígenes, surge Eusébio de Cesaréia (240 a 340 d.C.), mais conhecido como o pai da História da Igreja. Goodspeed comenta que a lista de Eusébio é mais semelhante do Novo Testamento atual do que a de Orígenes, pois ele eliminou o Pastor de Hermas e a epístola de Barnabé (1968, p.94).

De forma parecida como fez Orígenes, Eusébio dividiu o Novo Testamento em 3 categorias. A primeira compreende os livros universalmente “reconhecidos” que eram os quatro evangelhos, Atos dos apóstolos, as quatorze epístolas de Paulo (incluindo Hebreus), 1ª João, 1ª Pedro e Apocalipse de João. A segunda, os escritos “contestados” por algumas comunidades cristãs mas aceito pela maioria, estes eram Tiago, Judas, 2ª Pedro, 2ª e 3ª João. E, por último, os livros “espúrios” que consistiam no Pastor de Hermas, Apocalipse de Pedro, Atos de Paulo, epístola de Barnabé, Ensino dos Apóstolos e o Evangelho segundo aos Hebreus. Na categoria dos “espúrios”, Bruce (2011, p.180) comenta que apesar de serem não-canônicos eles eram pelo menos ortodoxos e muitos clérigos estimavam essas obras.

No entanto, a grande contribuição de Eusébio para a determinação do cânon ocorreu logo após a fundação de Constantinopla em 330 d.C., quando Constantino encomendou de Eusébio cinquenta cópias das Escrituras para o uso das igrejas na nova capital do império romano. Além disso, é importante ressaltar que nessas cópias continham exatamente os livros “reconhecidos” e “contestados”, totalizando 27 livros.

### **Atanásio de Alexandria**

Ainda no século IV, aparece outro grande personagem no cristianismo, Atanásio de Alexandria (296 a 373 d.C.). Estudou na escola catequética de Alexandria e tornou-se bispo desta cidade após o Concílio de Nicéia em 325 d.C. Historicamente, sugere-se que foi Atanásio, bispo de Alexandria, que empregou o termo “cânon” pela primeira vez em 367 d.C.

Anualmente, Atanásio tinha a incumbência de enviar uma carta às igrejas de sua administração informando a data da próxima Páscoa. E na trigésima nona carta<sup>2</sup>, em 367 d.C., ele aproveitou para anunciar o cânon do Antigo e Novo Testamento, pois estava incomodado com a infiltração de livros “espú-

rios” ou heréticos.

Segundo Bruce (2011, p.189) “Atanásio é o primeiro escritor conhecido que alistou exatamente os 27 livros que tradicionalmente constituem o Novo Testamento do cristianismo católico e ortodoxo”. Quanto ao Ensino dos Apóstolos (ou Didaquê) e o Pastor de Hermas, ele não os coloca no cânon, mas recomenda apenas para leitura.

Muitas pessoas influentes no cristianismo surgiram depois de Atanásio, como Epifânio de Salamina, Crisóstomo, Teodoro de Mopsuéstia, Lúçifer (bispo de Cagliari), Filastro, Ambrósio e outros. Mas nenhum deles trouxe grandes diferenças ou acréscimos para o cânon. Basicamente, eles sempre tomavam a lista de Atanásio como referência. Exemplo disso foi Jerônimo (331 a 420 d.C.), comentarista e tradutor, produziu uma tradução latina da Bíblia conhecida como *Vulgata*. A qual viera ser a Bíblia padrão da Europa Ocidental. Seu Novo Testamento continha os mesmos 27 livros da lista de Atanásio.

### **Obras de canonicidade questionada**

No desfecho da história do cânon do Novo Testamento, nota-se que alguns livros sempre foram bem presentes na maioria das listas dos pais da igreja ou de líderes cristãos: como os quatro evangelhos, Atos dos Apóstolos e as treze cartas de Paulo. Essas obras foram facilmente incluídas no cânon porque respeitavam o critério de apostolicidade. Tal critério exigia que a obra deveria ser de um apóstolo ou de alguém que tinha fortes laços com algum apóstolo. Sendo assim, os evangelhos de Mateus e João foram logo aceitos pois eram apóstolos designados por Cristo (Mt 10.2-3). Marcos foi chamado de “meu filho” (1Pe 5.13) pelo apóstolo Pedro e também foi companheiro do apóstolo Paulo (2Tm 4.11). Lucas foi cooperador de Paulo (Fm 1.24) e chamado de “médico amado” (Cl 4.14).

Mas, por outro lado, outros livros tiveram uma aceitação tardia ou conflituosa, estes são Hebreus, Tiago, 2ª Pedro, 2ª e 3ª João, e Apocalipse de João.

Hebreus foi muito discutido por causa da obscuridade do seu autor, por isso, ficou difícil aceitá-lo pelo prisma da apostolicidade. Orígenes diz que esta carta contém os pensamentos do apóstolo Paulo, mas o discurso e a fraseologia pertenciam a alguém que registrou o seu discurso. Por outro lado, Hebreus se enquadra no critério da antiguidade pois sua composição fora no período apostólico, e também no critério da ortodoxia pois seu conteúdo é

baseado nas promessas de Cristo respeitando os ensinamentos dos apóstolos.

De igual modo, Tiago também teve o seu reconhecimento tardio. Primeiro, pelo seu conteúdo predominantemente prático e não doutrinário, ou seja, não há menção sobre a vida, morte e ressurreição de Jesus. Segundo, por ser destinada somente a judeus cristãos sua divulgação foi limitada. E terceiro, porque o autor não se identifica como apóstolo, mas apenas como “servo de Deus e do Senhor Jesus Cristo” (Tg 1:1), e o Novo Testamento faz referência de quatro personagens que possuem o mesmo nome que são: Tiago, filho de Zebedeu e irmão de João (Mc 1.19); Tiago, filho de Alfeu (Mc 3.18); Tiago, pai do apóstolo Judas (Lc 6.16); e Tiago, meio-irmão de Jesus (Mt 13.55).

Segundo Kistemaker (2006, p.18) a tradição ensina que foi Tiago, meio-irmão de Jesus, que escreveu a epístola. Os primeiros cristãos o reconheciam como “coluna” na igreja (Gl 2.9), foi testemunha ocular de Cristo ressurreto (1Co 15.7), e falou com autoridade no Concílio de Jerusalém (At 15.13). Mas apesar de todo esse reconhecimento pela igreja primitiva, foi somente com Orígenes que tal carta foi pela primeira vez incluída no Novo Testamento.

Orígenes também foi o primeiro a incluir nas chamadas obras “discutidas” a epístola de 2ª Pedro. Esta carta foi questionada porque o seu estilo literário é diferente de 1ª Pedro, suscitando dúvidas se ambas seriam do mesmo autor, mas Gundry (2008, p.586) comenta que o trabalho de dois amanuenses já poderia explicar o fato.

A 2ª e a 3ª epístolas de João também enfrentaram dúvidas quanto à sua autoria joanina e certa resistência por causa da brevidade do seu conteúdo. Mas as duas cartas possuem o mesmo estilo de linguagem e a mesma estrutura, sugerindo fortemente que ambas foram escritas pelo mesmo autor. Os seus cabeçalhos trazem a identificação “o presbítero” (2Jo 1; 3Jo 1) que, segundo Kistemaker (2004, p. 267): “o termo presbítero nessas epístolas é praticamente equivalente à expressão apóstolo”. Sendo assim, João escreve com autoridade apostólica e, apesar destas cartas serem curtas e com destinos específicos (“à senhora eleita” e “ao amado Gaio”), elas tiveram influência universal.

Quanto ao Apocalipse de João, Orígenes tinha convicção que era de autoria do próprio apóstolo. Foi largamente aceito como Escritura até a metade do século III. Mas a sua ausência na primeira lista de Marcion não deve causar preocupações, pois ele considerava-o como essencialmente judaico. Todavia, este livro está presente no fragmento Muratoriano, na obra *Contra as Heresias*

de Irineu e nos escritos de Tertuliano.

Os problemas com o Apocalipse começaram com Dionísio de Alexandria (250 d.C.). Ele negou que o livro foi escrito pelo apóstolo João, alegando que o estilo literário de Apocalipse era diferente comparado com o Evangelho e as epístolas joaninas. Entretanto, Dionísio não rejeitou a autoridade de Apocalipse, mas defendia que este fora escrito por outro João, da cidade de Éfeso. Eusébio chegou a incluir o Apocalipse de João em sua lista, mas ele tinha uma posição insegura sobre este livro, porque na verdade, “ele simplesmente preferia que o livro não estivesse no cânon” (BRUCE, 2011, p.180). Mas apesar de toda essa ofuscação sobre o Apocalipse de João, Atanásio na sua 39ª carta o incluiu no cânon onde permanece desde então.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

O Novo Testamento que se conhece hoje não surgiu de forma súbita, por uma pessoa específica e para um propósito isolado. Pode-se dizer que a sua constituição foi de forma gradual sendo o fruto de diversas “negociações” durante os 4 primeiros séculos.

Mas, apesar do cânon já estar fechado, será que nos dias atuais poderia surgir um novo livro para ser incluído? Esta questão, é feita por muitos curiosos, mas a aceitação de um novo livro no Novo Testamento seria bem improvável. Primeiro, porque a era apostólica já passou. Segundo, deveria haver um comum acordo entre várias lideranças cristãs de diferentes denominações. E terceiro, pelo simples temor de se acrescentar algo às Escrituras (Ap 22.18).

Por fim, como explicar o fato da constância e da integridade da Palavra por tanto tempo. Algo que começou com Jesus, passou para os apóstolos, prosseguiu com os pais da igreja e, até o momento, continua fazendo efeito sobre muitos. Com certeza, a intervenção de Deus foi um fator importante para a formação e preservação das Escrituras. Apesar das tribulações e perseguições que a igreja já sofreu (e continua sofrendo), as portas do inferno não prevaleceram (Mt 16.18), e as Escrituras do Novo Testamento ainda permanecem vivas na história cristã.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BÍBLIA de Estudo Nova Versão Internacional. São Paulo: Vida, 2003.

BROWN, Colin; COENEN, Lothar. *Dicionário Internacional de Teologia do Novo Testamento*. 2 ed. São Paulo: Vida Nova, 2000. vol. 2.

BRUCE, F. F. *O Cânon das Escrituras*. São Paulo: Hagnos, 2011.

CAIRNS, Earle E. *O cristianismo através dos séculos: uma história da igreja cristã*. São Paulo: Vida Nova, 2008.

CESARÉIA, Eusébio de. *História Eclesiástica: os primeiros quatro séculos da igreja cristã*. Rio de Janeiro: CPAD, 1999.

COSTA, Hermisten M. P. *A inspiração e inerrância das Escrituras: uma perspectiva reformada*. São Paulo: Cultura Cristã, 1998.

GOODSPEED, Edgar J. *Como nos veio a bíblia?* 2 ed. São Paulo: Imprensa Metodista: São Paulo, 1968.

GUNDRY, Robert. *Panorama do Novo Testamento*. São Paulo: Vida Nova, 2008.

HALL, Christopher A. *Lendo as Escrituras com os pais da igreja*. Viçosa: Ultimato, 2000.

HARRIS, Laird. *Inspiração e Canonicidade da Bíblia*. São Paulo: Cultura Cristã, 2004.

KISTEMAKER, Simon. *Comentário do Novo Testamento: Tiago e epístolas de João*. São Paulo: Cultura Cristã, 2006.

KÜMMEL, Werner Georg. *Introdução ao Novo Testamento*. São Paulo: Edições Paulinas, 1982.

THIEME. R. B. Jr. *Canonicity*. Houston: Berachah Tapes & Publications, 1973.

<sup>1</sup> Helber Benhami é Engenheiro Elétrico com MBA em Serviços de Telecomunicações. Pós-graduado em Exposição e Ensino da Bíblia pela Faculdade Teológica Batista de São Paulo. Professor de Bíblia, atualmente é pastor auxiliar na Comunidade Evangélica "Cristo Eu e Você" em São Paulo.

<sup>2</sup> Reprodução do texto pode ser encontrado em *O Cânon das Escrituras* (BRUCE, 2011, p.144).

<sup>3</sup> Disponível em <http://www.veritatis.com.br/epistola-39/>